



TECENDO UMA NOVA INTERPRETAÇÃO PARA “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”

Data de recebimento: 18/09/2017

Aceite: 30/11/2017

Sheila Debastiani Ramos¹

Ana Maria Accorsi²

Resumo: O propósito deste trabalho é apresentar um ensaio experimental biográfico tentando ligar a narrativa *Alice no país das maravilhas* à biografia do autor. Baseada nisto haverá a tentativa de apresentar os anseios de Carroll no que diz respeito à construção de sua identidade. A metodologia utilizada foi basicamente bibliográfica. Esta proposta está mesclada com processo de interpretação relativo ao processo texto-leitor.

1. Introdução

Este ensaio apresenta uma tentativa de análise experimental sobre um novo ponto de interpretação da obra *Alice no país das Maravilhas*, utilizando para tanto a biografia do autor e supostas teorias a respeito deste livro.

Este ensaio tem início com a apresentação da biografia do autor da obra *Alice no país das maravilhas*, apresentando algumas peculiaridades sobre a obra e alguns possíveis pontos de interpretação deste texto. Em seguida inicia-se uma breve análise sobre a obra, suportando os mesmos com as devidas referências bibliográficas.

2. Considerações gerais sobre a obra

2.1 O autor

¹ Graduada em pedagogia, especialista em Atendimento Educacional Especializado e especialista em teoria e prática na formação do leitor.

² Possui graduação em Letras, mestrado e doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é professora adjunta da Uergs.



Matemático e escritor britânico nascido em Daresbury, Cheshire, Inglaterra Charles Lutwidge Dodgson, publicou em 4 de julho de 1865 sob o pseudônimo de Lewis Carroll, o livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, foi um dos pioneiros na pesquisa de uma nova ciência do discurso, por meio da simbolização. Estudou no colégio Christ Church, na Universidade de Oxford e ali foi professor de matemática (1855-1881).

Foi nomeado diácono da Igreja Anglicana (1861), mas considerava-se praticamente um leigo no fim da vida. Seus interesses incluíam a lógica, a matemática, a poesia, a narrativa ficcional e a fotografia, da qual chegou a ser considerado um dos mestres da época vitoriana, fixou as imagens de vários contemporâneos, mas destacou-se sobretudo nas fotos de meninas, como fotógrafo amador.

Uma de suas modelos foi Alice Liddell, e notabilizou-se por suas histórias sobre Alice, inventadas para diverti-la. Escreveu os clássicos *Alice's Aventuras in Wonderland* (1865), *Through the Looking-Glass* (1872), *The Hunting of the Snark* (1876) e a novela *Sylvie and Bruno* (1889). Outras obras poéticas foram *Phantasmagoria and Other Poems* (1869) e *Rhyme? and Reason?* (1883). Com o nome real de *Dodgson* publicou *Euclid and His Modern Rivals* (1879), a novela *Sylvie and Bruno* (1889) e uma *Symbolic Logic* (1896), e muitos outros textos científicos, além de alguns com o nome literário de *Carroll*, em vários dos quais predomina o gosto pelos paradoxos e pelo *nonsense*^{3,4}.

Em um tempo de poucas fontes de entretenimento, em que as casas ainda não tinham rádios ou televisões, Carroll era considerado uma excelente companhia, contando histórias, declamando poesia e cantando toleravelmente bem, apesar de algumas fontes afirmarem que ele era gago. Foi assim que o rapaz aproximou-se de muitas famílias abastadas e importantes de seu tempo, criando excelentes conexões sociais.

Na velhice ele continuou seu trabalho na universidade e lá permaneceu até sua morte, em 14 de janeiro de 1898. Carroll faleceu aos 65 anos, de pneumonia contraída após influenza. Carroll se manteve solteiro até sua morte.

2.2 Algumas possíveis análises do livro

³ Nonsense: (sem sentido, contrassenso ou absurdo em inglês) é uma expressão inglesa que denota disparate, sem nexos.

⁴ Biografia disponível no site da Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/CharLutw.html>



Alguns estudos de análise efetuados em relação a esta obra acreditam que *Alice no País das Maravilhas* está carregado de sátiras dirigidas tanto aos amigos como aos inimigos de Carroll, de paródias a poemas populares infantis ingleses ensinados no século XIX.

O livro pode ser interpretado de várias maneiras. Uma das interpretações diz que a história representa a adolescência, com uma entrada súbita e inesperada (a queda na toca do coelho, iniciando a aventura), além das diversas mudanças de tamanho e a confusão que isso causa em Alice, ao ponto de ela dizer que não sabe mais quem é após tantas transformações (o que se identifica com a psicologia adolescente)⁵.

A obra seduz o público adulto pela incoerência, o bizarro, com seus quebra-cabeças, jogos de palavras e o que há por trás dos personagens e atrai as crianças por ser um mundo de fantasias.

2.3 A construção de uma versão

Alice no País das Maravilhas surgiu em 1862 como uma inspiração, em um passeio de barco pelo rio Tâmisa do autor com seu colega reverendo Robinson Duckworth e as três irmãs Liddell: Lorina Charlotte, de 13 anos; Alice Pleasance, de 10 anos; e Edith, de 8 anos. O evento de levar as meninas para passeios não era incomum. A história veio quando as três meninas pediram para Charles contar uma história, e a partir desse momento ele inventa a narrativa da menina que cai na toca do coelho (COHEN, 1998 apud COSTA, 2013).

Surja, pois, vinda do passado evanescente, “Alice”, a criança dos meus sonhos. Muitos e muitos anos se passaram desde aquela “tarde dourada” que lhe deu à luz, mas posso recordá-la quase tão claramente como se tivesse sido ontem – o azul sem nuvens acima, o espelho d’água embaixo, o barco derivando ocioso em seu caminho, o respingar das gotas que caíam sobre os remos, enquanto eles se agitavam tão solenemente para frente e para trás, e (único lampejo radiante de vida em toda a cena modorrenta) os três rostos impacientes, famintos de notícias do país das fadas, e que se recusavam a admitir um “não”; vindo daqueles lábios, “Conta-nos uma história, por favor” tinha toda a imutabilidade inflexível do destino. (CARROLL, 2002, p.8).

⁵ Texto disponível em Wikipédia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Alice_no_Pa%C3%ADs_das_Maravilhas



Não é certo que Alice Liddell, a menina para quem Dodgson escreveu a sua mais famosa história, tenha inspirado a personagem Alice. Em vida, o próprio autor teria dito que não havia se inspirado em nenhuma criança real.⁶

Algumas vezes quando existem crianças pedindo para que contemos histórias, inserimos alguns animais e a própria criança no possível conto e inventamos uma narrativa. Percebe-se também que normalmente o autor de algum conto insere muito de si nas laudas que escreve.

Um artigo de 1999 do *The Lancet*, sugere que pelo menos uma parte das aventuras de Alice tenha sido baseada nas percepções de Carrol sobre suas auras enxaquecosas⁷. Devido ao fato de este fenômeno ter sido descrito apenas uma vez antes de *Alice no País das Maravilhas* ter sido publicado, muitos autores descartam esta teoria. Porém os autores do artigo, entretanto, acreditam ter achado evidências que pode alterar esta opinião:

Os autores descrevem um rascunho desenhado por Carroll entre 1855 e 1862, no qual a figura é um elfo, desenhado meticulosamente excepto pelo fato de estar sem todo o lado direito do rosto, partes do ombro direito, sem punho e mão direitos. Esta estranha omissão, segundo os autores, parece sugerir um "round border defect (defeito de limites arredondados), semelhante a um escotoma negativo"^{8,9}.

2.4 A Obra

O livro *Alice no país das maravilhas* conta a história de uma menina chamada Alice que sai do seu mundo real e entra repentinamente para um mundo desconhecido. Essa mudança ocorre quando Alice, muito entediada com a leitura que a sua irmã está fazendo,

⁶ Texto retirado da resenha "temas inexplicados" redator responsável pela informação Renato Bicca, disponível no site: <http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/temas-inexplicados/3646-a-verdadeira-hist%C3%B3ria-de-alice-no-pa%C3%ADs-das-maravilhas.html>

⁷ Aura é um primeiro estágio da enxaqueca ou de crises convulsivas, no qual a pessoa pode experienciar alucinações (visuais, olfativas, auditivas, etc) e outras alterações perceptivas. Carroll notou as alucinações enxaquecosas pela primeira vez em uma página de seu diário de 1885, no qual escreveu que "havia experimentado, pela segunda vez, aquela estranha afecção óptica de ver fortificações que se movem, seguida de dor de cabeça".

⁸ Escotomas negativos são fenômenos nos quais o paciente não vê partes de um objeto que seriam captadas por certas partes da retina, afetada pela enxaqueca.

⁹ Texto: *Uma patografia de Lewis Carroll, autor de Alice no País das Maravilhas*, disponível em: <http://psiquiatriaetoxicoddependencia.blogspot.com.br/2010/03/uma-patografia-de-lewis-carroll-autor-de.html>



corre atrás de um coelho (de colete, consultando um relógio) que passa por ela e entra em uma toca. Essa perseguição a faz cair em um profundo poço.

Quando a personagem Alice passa pelo buraco da fechadura e está boiando no mar de lágrimas, há uma menção ao Dodô. Lewis Carroll tinha um problema na fala, uma espécie de gaguejo, muitos pesquisadores suspeitam que ele era o Dodô¹⁰. Porém se analisarmos a obra como um “inteiro” perceberemos que em muitas passagens do livro a personagem Alice gagueja quanto fica nervosa ou tenta explicar-se.

Em relação a obra de Carrol percebe-se uma luta interna, uma busca de respostas sobre o que fazer em relação a sua vida e caminhos a serem seguidos. Da questão entre o certo e o errado. Da busca constante da sua identidade.

2.4.1 A Lagarta

A Lagarta e Alice olharam-se uma para outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com uma voz lânguida, sonolenta.

"Quem é você?", perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de iniciar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: "Eu - eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento - pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.

"O que você quer dizer com isso?", perguntou a Lagarta severamente. "Explique-se!"

"Eu não posso explicar-me, eu receio, Senhora", respondeu Alice, "porque eu não sou eu mesma, vê?"

"Eu não vejo", retomou a Lagarta.

"Eu receio que não posso colocar isso mais claramente", Alice replicou bem polidamente, "porque eu mesma não consigo entender, para começo de conversa, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso."

"Não é", discordou a Lagarta.

"Bem, talvez você não ache isso ainda", Alice afirmou, "mas quando você transformar-se em uma crisálida - você irá algum dia, sabe - e então depois disso em uma borboleta, eu acredito que você irá sentir-se um pouco estranha, não irá?"

"Nem um pouco", disse a Lagarta.

¹⁰ Idem a nota 3.



"Bem, talvez seus sentimentos possam ser diferentes", finalizou Alice, "tudo o que eu sei é: é muito estranho para mim.

"Você!", disse a Lagarta desdenhosamente. "Quem é você?"

O que as trouxe novamente para o início da conversação. (CAROLL, 2009).

No livro em questão, Alice está constantemente mudando de identidade, a instabilidade cria ansiedade e confusão que propicia outra forma de exploração. Identidade, nome, comportamento, habilidades, crenças, conhecimentos e outras coisas.

O grande enigma de Alice durante o livro todo é: "Quem sou eu?" e essa questão fica muito clara no capítulo V, em sua conversa com a lagarta. O que de certa forma pode remeter a um momento da vida do autor que não sabia realmente quem ele era. Podendo inclusive ser uma analogia sobre sua verdadeira orientação sexual.

A ideia de metamorfose contida neste capítulo lembra Kafka, Alice é uma constante metamorfose. O fato de a história ser um sonho também é uma metamorfose. Ela expressa isso da mesma forma que Gregor, quando acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso.

O autor, assim como a protagonista, questiona sua própria identidade e admitem que ela esteja em dúvida sobre o que é de verdade, para que possa então prosseguir sua busca.

A transformação da lagarta em borboleta é o momento crucial da obra, pois é neste instante que Alice também se transforma e passa a ter autonomia neste mundo, a decidir quando quer crescer ou diminuir. E não tem mais medo em relação a isso. O que pode inclusive ser uma referência pragmática do autor relativa à sua libertação, a resolução de suas "vontades" reprimidas.

A natureza confusa e complexa da linguagem contida na obra, normalmente leva a uma má interpretação. O jogo de palavras e as metáforas que constam na versão original de *Alice no país das maravilhas* são prejudicados com a tradução.

Com a ajuda da componente icônica, o leitor (**autor**¹¹) constrói uma nova história fazendo uso das suas enciclopédias pessoais, e navegando no sonho do faz de conta. A compreensão dos textos literários está intimamente relacionada com a interpretação metafórica que o leitor faz, uma vez que estes apresentam múltiplos sentidos, possibilitando assim uma diversidade de leituras. Deste modo, ao leitor é pedido que, no processo interpretativo, "ultrapasse" o sentido literal da palavra, apreendendo outros sentidos sugeridos pela mesma e clarificados pelo contexto onde se insere (MARQUES, 2012).

¹¹ Grifo nosso.



Normalmente essa falta de comunicação é devido a interpretações semelhantes das mesmas palavras ou sons, assim como misturas de palavras que soam semelhantes e tem significados distintos (homófonas), tornando metáforas literalmente ou misturando linguagens diferentes.

Através das metáforas e da interpretação que os leitores delas fazem entendemos como eles compreendem o mundo e os conceitos que defendem. A metáfora evoluiu como um mediador entre a mente e o mundo. Ela é como um símbolo, uma forma de ver o mundo. O ser humano não apenas descobre analogias, mas nas metáforas ele combina essas analogias com outras, de forma a elaborar metáforas criativas, aumentando seu o conhecimento. (MARQUES, 2012).

Ainda, segundo Marques (2012), a linguagem metafórica apela para inclusão do leitor com o texto e recorre a várias intertextualidades, o que desperta a sensação de pertencimento a uma determinada comunidade lingüística e cultural, amparada pela relação que se institui entre a pessoa, a língua e a sociedade. (MARQUES, 2012).

2.4.2 E o gato ?!

Gatinho de Cheshire”, começou, bem timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser chamado assim: entretanto ele apenas sorriu um pouco mais. “Acho que ele gostou”, pensou Alice, e continuou. “O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice.

“Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato.

“...contanto que dê em algum lugar”, Alice completou.

“Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante.” (CAROLL, 2002).

È possível perceber em vários capítulos da obra a busca incessante pelo caminho certo a seguir, a incerteza de que rumo tomar em relação a sua vida, isto aparece em alguns trechos nas conversas que Alice tem com o Gato. Pode representar o fato do autor não conseguir decidir sobre o que fazer da sua vida, relativo tanto a profissão como orientação sexual.



O gato pode também representar uma alusão ao certo e o errado. A consciência boa ou má.

A cena é conhecida de desenhos e histórias infantis. De um lado, há um anjinho falando coisas boas no nosso ouvido, e do outro, um diabinho estimulando maldades. O anjo simula nossos desejos considerados bons, por exemplo, estudar, trabalhar, evitar beber álcool, não comer demais, se exercitar etc. E o diabo, nossa ambição de fazer tudo o contrário: ser preguiçoso, beber, comer muito, ser sedentário e mais uma lista longa de tentações, neste sentido o gato de Cheshire representa a condensação destes dois personagens a suposta consciência.¹²

A psicanálise nomeou e caracterizou essas duas figuras dentro da teoria psicodinâmica: o superego é bem próximo do anjo, e o id, do diabo. O super ego, ou anjo, é a instância controladora, nossos pais internalizados, que busca por perfeição e que pune o indivíduo com culpa por seu mau comportamento. O id, nosso diabinho interno, funciona pelo princípio do prazer, quer suprir nossas necessidades básicas, sem se importar com as regras sociais.¹³

Outro modo de nomear essas figuras é chamar o anjo de pai e o diabo de filho, em que o pai é o responsável, a autoridade, e o filho é o inconstante, indomável. Aliás, nas religiões monoteístas, é comum chamar Deus de pai, outra forma de definir essa entidade de controle.¹⁴

O que corrobora com a ideia de uma suposta dominação imposta pela família que era do norte, conservadora e religiosa.

Seus ancestrais eram oficiais do exército ou clérigos da Igreja Anglicana. Seu avô paterno, um oficial do exército, morreu no campo de batalha quando seu pai ainda era bebê. Seu pai era um bom aluno, com um futuro acadêmico brilhante à sua frente, mas optou por seguir a carreira da igreja e casou-se com sua prima primeira em 1827 e assumiu uma igreja rural. O pai do autor era um homem bastante conservador nas suas visões da igreja e estava constantemente envolvido em disputas políticas.¹⁵

O gato de Cheshire é também uma peça fundamental neste suposto quebra cabeça, pois ele mostra a construção da identidade (quando durante a narrativa ele aparece apenas em forma de cabeça ou sorriso). Podemos também nos mostrar em pedaços – não precisamos estar prontos e estruturados, até porque a identidade é volúvel se modifica conforme as experiências que vamos adquirindo durante a vida.

¹² Baron, J. (2008) Thinking and Deciding. Cambridge press. <http://cienciaemente.blogspot.com.br/2012/02/anjo-x-diabo.html>

¹³ Idem a nota 10.

¹⁴ Idem a nota 10.

¹⁵ Idem a nota 2.



Em relação à identidade humana, Demo (2007) considera que a mesma no plural, constitui-se no fluxo e permanece no fluxo. Quer dizer que as identidades se mantêm porque mudam, sendo esse o único modo de continuarmos idênticos. Do ponto de vista dialético, não existiria como conservar fixa a natureza, porque não é natural (DEMO, 2007, p. 98).

Bova, citado por Demo (2007), afirma que necessitamos de identidade, pelo menos de alguma ilusão de imortalidade, mas na vida todas as identidades fluem, de acaso que sua permanência é questão de mudança. (DEMO, 2007 p. 100).

Bakhtin mostra que, em cada pessoa, há um potencial de sentido que necessita ser desvendado. O outro precisa "chegar a ser palavra", quer dizer, iniciar-se num contexto verbal e semântico possível para se revelar. Restaurar o espaço do sentido significa, portanto, devolver ao sujeito não apenas seu discurso, mas a autoria da sua palavra e o lugar do seu desejo no confronto com a realidade. (SOUZA, 1994, p. 51).

Demo (2007) acrescenta que o ser humano tanto pode aceitar que a descoberta é a energia da luta, como recusar-se a aceitar o que quer que seja, modificando - muitas vezes pelo medo – todos os alcances em desafios, como se pudesse superar a todos. (DEMO, 2007, p. 103).

Com efeito, conhecer não é afirmar e confirmar, mas questionar. Seu primeiro gesto e mais característico é desconstruir o que existe e o que ele mesmo afirma. Apenas depois, pensa em reconstruir, para de novo desconstruir. Alguns chamam isso de potencialidade disruptiva, para indicar a energia indomável do saber pensar. No fundo do conhecimento lateja vibrante a rebeldia humana, encontrando aí uma das fontes mais fecundas de sua autonomia. (DEMO, 2007, p. 103).

2.4.3 Porco com Pimenta e outras “cositas mais”...

No capítulo intitulado porco com pimenta, vejo novamente, uma alusão a sua família, sua mãe teve onze filhos e Carroll sendo um dos mais velhos ajudou na criação dos mesmos. E a forma como a personagem descreve o bebê se transformando em porco está relacionado as constantes mudanças pelas quais passam um recém nascido assim como o trabalho que gera seu cuidado e a sua falta de jeito do em cuidar de um bebê.



Alice apanhou o bebê com alguma dificuldade, pois a pequena criatura tinha uma forma estranha, esticando seus braços e pernas para todas as direções, “como uma estrela do mar” pensou Alice. (CAROLL, p. 57)

Além do sentimento de alívio que o mesmo sentia quando os irmãos cresciam e não precisavam mais de seu cuidado constante.

Alice começou a pensar consigo mesma, “Agora, o que posso eu fazer com essa criatura, quando eu voltar para casa?. Nesse momento ele grunhiu mais uma vez, tão violentamente, que ela olhou para seu rosto alarmada. Dessa vez não podia haver nenhuma dúvida: ele não era nada mais nada menos que um porco, e ela percebeu o quão absurdo era ela carregá-lo para qualquer lugar. Então soltou a pequena criatura e percebeu bastante aliviada que ela fugiu calmamente em direção à floresta. (CAROLL, p.58)

A constante troca de tamanho da personagem Alice também é uma menção a construção do conhecimento que vai sendo adquirido pelo autor com o passar dos anos.

2.4.4 Um chá muito estranho...

O chá maluco em que aparecem a lebre de março, o chapeleiro e o leirão¹⁶ são uma crítica ao costume do chá dos ingleses. As formas afetadas dos personagens são bem características como uma forma de ironia as roupas e trejeitos, uma crítica velada ao tipo de governo existente na época.

A Festa do Chá era uma coisa bem atual no período vitoriano, pois todos ingeriam chá. A paródia neste caso está presente no fato de o Chapeleiro e a Lebre estarem presos em um eterno chá. O Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março trouxeram esses nomes baseadas em expressões tradicionais da época: Maluco como uma lebre de março e Maluco como um chapeleiro. As lebres acasalam em março, então os machos, durante este período agem descontroladamente. Já a expressão referente ao chapeleiro, decorre de uma doença neurológica da qual os chapeleiros costumavam sofrer porque tratavam o feltro dos chapéus, com mercúrio devido a isso ocorria envenenamento. O mercúrio, afeta seu sistema nervoso e

¹⁶ Rato-dos-pomares, (*Eliomys quercinus*), é um roedor endêmico de grande parte do continente europeu, com corpo de cerca de 15 cm e cauda de cerca de 11 cm de comprimento e 100 gramas de peso.



causa tremor e uma espécie de colapso nervoso. Alice no País das Maravilhas, talvez, seja um livro sobre os problemas enfrentados pelas crianças em um mundo geralmente adulto¹⁷.

Segundo a revista *Super Interessante* (2016), a tal tradição do chá das cinco já existia há tempos em terras portuguesas. Ao se casar com o rei inglês Charles II, Catarina de Bragança, filha de D. João IV, acabou levando o costume para a Inglaterra. Lá, ele foi adotado pela corte em cerimônias e banquetes.¹⁸

Mesmo assim, foi por causa de outra personalidade da realeza que o ritual ganhou fama e notoriedade. Anna Maria Russell, duquesa de Bedford, sempre se sentia faminta entre o almoço e a janta. Como solução, fazia um pequeno lanche que consistia em uma xícara de chá com leite e açúcar, e algum salgado (TAVARES, 2016).

Com o tempo, aristocratas e burgueses ingleses passaram a imitar o ritual da duquesa em suas casas, aproveitando a ocasião para exibirem as mais caras e belas porcelanas e pratarias (TAVARES, 2016).

2.5 A lógica matemática

Carroll assinou como Charles L. Dogson as obras de lógica e matemática que publicou, como *Euclides e seus rivais modernos*, nas quais trata os problemas matemáticos e lógicos de maneira bem humorada.

Foi o que fez, por exemplo, em seu livro *Lógica simbólica*, que o tornou conhecido por seus diagramas silogísticos, pelos seus métodos para construir e resolver problemas elaborados de sorites¹⁹, pelo seu interesse nos paradoxos lógicos e pelos seus divertidos exemplos.²⁰

Alguns exemplos:

¹⁷ Idem a nota 3.

¹⁸ Disponível: <http://www.mexidodeideias.com.br/historias-em-xicaras/como-surgiu-o-cha-das-cinco-na-inglaterra/>

¹⁹ Lógica, Raciocínio composto de uma série de proposições ligadas entre si, de maneira que o predicado de uma torna-se o sujeito da seguinte, e assim até a conclusão, que tem como sujeito o sujeito da primeira e como predicado o predicado da última proposição anterior à conclusão. Trata-se de um argumento que tem pelo menos quatro proposições com os seus termos encadeados de forma correta.

²⁰ Contextos matemáticos elaborados por Martin Gardner, *Alice - Edição Comentada*, pg.363. e Bayley, Melanie (2010-03-06). *Algebra in Wonderland*, The New York Times. Disponíveis no site: <http://educacao.uol.com.br/biografias/lewis-carroll.htm>.



No *Buraco do Coelho*, durante o processo de encolhimento da altura, Alice faz considerações filosóficas acerca do tamanho final com que ficará, estas observações refletem o conceito do limite de uma função;

No *Lago das Lágrimas*, Alice tenta fazer multiplicações, mas acaba por produzir uns resultados estranhos: "*Deixa-me cá ver: quatro vezes cinco são doze, e quatro vezes seis são treze, e quatro vezes sete são... Oh, meu Deus! Por este andar nunca mais chego aos vinte!*". É assim exposto a representação de números utilizando bases diferentes e sistemas numerais posicionais ($4 \times 5 = 12$ na base 18 notação; $4 \times 6 = 13$ na base 21 notação; 7×4 poderiam ser 14 na base 24 notação, seguindo a sequência).

Em *Um chá maluco*, a Lebre de Março, o Chapeleiro maluco e o Leirão dão vários exemplos em que o valor semântico de uma frase X não é o mesmo que o valor do inverso de X . No ramo da lógica e da matemática este conceito é uma relação inversa.

- E vou, Alice replicou rapidamente, pelo menos – pelo menos, eu acho o que digo – o que é a mesma coisa, você sabe. - Não é a mesma coisa nem um pouco!, disse o chapeleiro. - Senão você também poderia dizer, completou a lebre de março, que “Eu gosto daquilo que tenho” é a mesma coisa que “ Eu tenho aquilo que gosto”. (CAROLL, 2002, p. 64-65).

Ainda neste mesmo capítulo, Alice pondera o significado da situação quando o grupo faz a rotação dos lugares ao redor da mesa circular, colocando-os de volta ao início. Esta é uma representação da adição de um anel do módulo inteiro de N .

Quando o Gato de Cheshire desvanece, deixando apenas o seu sorriso largo, suspenso no ar, levando a Alice a notar que já viu um gato sem um sorriso, mas nunca um sorriso sem um gato. É feita aqui uma profunda abstração de vários conceitos matemáticos (geometria não-Euclidiana, álgebra abstrata, o início da lógica matemática, etc), delineando, através da relação entre o gato e o próprio sorriso, o próprio conceito de matemática e o número em si.²¹

2.6 A morsa e o carpinteiro

²¹ Idem a nota 18.



Há também duas possibilidades para o simbolismo de "A morsa e o carpinteiro" poema. A primeira é de natureza religiosa, comparando o carpinteiro a Jesus Cristo, a morsa para Pedro, e as ostras para os discípulos que estão dispostos a seguir Jesus até o fim. O segundo, é de natureza mais política. A morsa e o carpinteiro é suposto representar a Inglaterra, enquanto as ostras representam todas as pequenas colônias e territórios que a Inglaterra conquistados durante a Era do Império Britânico. JB Priestley interpretou a morsa eo carpinteiro como arquétipos de dois tipos de político.²²

Porém, seguindo a linha de que Carroll utilizou sua vida pessoal para compor essa história tudo leva a crer que esse simbolismo refere-se a sua relação paterna.

De acordo com Brito (2007), a Rainha de Copas é uma das subversões mais relevantes na história, pois Carroll quis demonstrar nesse momento o poder limitado que a Rainha Vitória da Inglaterra Vitoriana tinha. Isto é, na época da publicação do livro, a Inglaterra era governada pelo sistema político da monarquia parlamentarista que consiste no chefe de estado, no caso da Rainha Vitória, porém há uma constituição que limita esse poder; assim, o poder de promulgar e gerenciar a política do país cabe a algum primeiro ministro.

Em relação à rainha de copas, acredito ainda, que possa ser uma analogia, utilizando aqui a *lógica silógica* para definir a personagem relacionada a figura paterna, e a mãe como um Rei "apagado" diante do autoritarismo imposto pela monarca.

E o jogo de críquete supostamente representaria os jogos de relação que a sociedade impõe como obrigatórios. As regras sociais impostas por uma ordem maior podendo ser religiosa ou financeira em que se o sujeito não se moldar ou submeter será excluído. "CORTEM AS CABEÇAS!" (CAROLL, 2002).

Muitos biógrafos de Lewis Carroll retrataram o autor como pedófilo, apontando seu pouco interesse por mulheres adultas, e sua ligação emocional com garotinhas – bem como o hábito de fotografar meninas nuas ou seminuas.

Contudo, muitos autores modernos contestam essa versão, alegando que isso seria o chamado "mito Carroll". De acordo com eles, Carroll envolveu-se com mulheres, o que teria levado, inclusive, a alguns escândalos. Sua família, após sua morte, teria ocultado todas as evidências de seus envolvimento amorosos, para evitar desonrar seu nome – e essa falta de referências teria sido mal interpretada posteriormente por biógrafos.

Afirmam também que as fotos das crianças seria moda na Inglaterra do período vitoriano, sendo uma temática recorrente nas obras de diversos fotógrafos da época. Segundo

²² Fonte: Gardner, M., The Annotated Alice, 1998, p.233.



esses pesquisadores, seria um equívoco interpretar as fotografias de Carroll fora de contexto, usando como parâmetro nossos valores dos séculos XX e XXI.²³

Baseada nas informações bibliográficas colhidas, acredita-se que Carroll enquanto artista e matemático, em uma busca constante da sua definição de identidade e tentando descobrir sua verdadeira orientação sexual, tinha como simbólico o corpo feminino. O fato de fotografar as meninas ou pintá-las nuas, representaria para ele a idealização do tão sonhado corpo, algo almejado por ele.

Os pesquisadores Hughes Lebailly e Karoline Leach aventam que, na época de Carroll, o modismo de fotos de crianças nuas expressava deferência à inocência, um registro do "culto da criança vitoriana" presente na literatura e nas artes, sobretudo a "pureza virginal das meninas". Acreditavam que o apreço de Carroll pelas meninas que fotografava era num plano artístico e espiritual. (OLIVEIRA, 2012).

Acredita-se que existem aspectos fora do ambiente do autor de que ele conscientemente ou não deve ter integradas na história. A inspiração é uma coisa peculiar; muitos eventos e memórias esquecidas podem influenciá-lo. Certamente não é impensável que personagens como o gato de Cheshire ou coelho branco foram inspirados por coisas Carroll leu, viu ou de outra forma encontrou em sua vida. No entanto, na maioria das vezes nós não sabemos com certeza se foi um ato deliberado para tecer estes aspectos em sua história, ou que ele não estava ciente dos gatilhos que inspiraram suas ideias.²⁴

Eis a grande “tirada” em *Alice no país das maravilhas*, essa obra, independente dos mitos, realidades e/ou suposições, foi elaborada para uso do prazer da leitura, onde cada leitor irá basear suas vivências, crenças pessoais e fará sua própria interpretação.

O texto da literatura se mostra disponível, alimento para ser rapidamente absorvido pela alma, antes mesmo de ser cognitivo. (...) Sua diferença fundamental está exatamente, no fato de sempre restar um pedaço para ser consumido, numa nova leitura que se faça, ou numa interpretação que surja, vinda de um “leitor flutuante”, atento a força da identificação. (LOIS, 2010, p. 42).

²³ Texto inspirado na resenha “*temas inexplicados*” redator responsável pela informação Renato Bicca, disponível no site: <http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/temas-inexplicados/3646-a-verdadeira-hist%C3%B3ria-de-alice-no-pa%C3%ADs-das-maravilhas.html>

²⁴ Texto disponível: <http://www.alice-in-wonderland.net/resources/analysis/>



3. Considerações Finais

Este trabalho apresentou um ensaio experimental sobre a questão da descoberta de identidade na Obra *Alice no país das Maravilhas* baseada na bibliografia do autor.

Este ensaio iniciou com a apresentação da Obra *Alice no País das Maravilhas*, proporcionando algumas peculiaridades sobre a mesma e o autor que a elaborou. Em seguida iniciou-se uma breve análise sobre a obra, suportando os mesmos com as devidas referências bibliográficas. Após a questão da descoberta da identidade do autor foi explorada.

Apresentaram-se também, algumas bases teóricas sobre a questão texto-leitor e possíveis interferências nas leituras da literatura.

A partir das leituras foi proposta uma nova interpretação da obra, sugerindo-se que a mesma possa ser uma biografia simbólica do autor.

Certamente não se pretende esgotar a temática e nem considerá-la como absoluta em tão breve reflexão, mas esta servirá como orientador de outros apontamentos necessários ao processo de desconstrução de paradigmas e novas proposições.

Referências



CAROL, Lewis. **Aventuras de Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Baron, J. **Thinking and Deciding**. Cambridge press, 2008. Disponível: <http://cienciaemente.blogspot.com.br/2012/02/anjo-x-diabo.html>. Acesso: 09.08.16

BAYLEY, Melanie. **Algebra in Wonderland, The New York Times**. Disponível: <http://educacao.uol.com.br/biografias/lewis-carroll.htm>. Acesso: 10.08.16

BICCA, Renato. **Temas inexplicados**. Disponível: <http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/temas-inexplicados/3646-a-verdadeira-hist%C3%B3ria-de-alice-no-pa%C3%ADs-das-maravilhas.html>. Acesso: 09.08.16

DEMO, Pedro. **O Porvir: desafio das linguagens do século XXI**. Curitiba: IBPEX, 2007.

GARDNER, M. **The Annotated Alice**. The New York Times, 1998, p.233.

GARDNER, Martin. **Alice - Edição Comentada**. Disponível: <http://educacao.uol.com.br/biografias/lewis-carroll.htm>. Acesso: 11.08.16

LOIS, Lena. **Teoria e prática na formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARQUES, Rosa Maria Moreira. **Leitura / Interpretação e uso de linguagem metafórica em alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico: comparação e metáfora**.

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Leitura e da Escrita - Bragança, 2012.

OLIVEIRA, Fátima. **Pontuando alguns mistérios da vida privada de Lewis Carroll**. Disponível: http://vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=4504&id_coluna=20. Acesso: 08.08.16



SOUZA, S. J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** Campinas, SP: Papyrus, 1994.

TAVARES, Lucas. **COMO SURTIU O CHÁ DAS CINCO NA INGLATERRA?** Disponível: <http://www.mexidodeideias.com.br/historias-em-xicaras/como-surgiu-o-cha-das-cinco-na-inglaterra/>. Acesso: 04.08.16

_____. Uma patografia de Lewis Carroll, autor de Alice no País das Maravilhas. Disponível em: <http://psiquiatriaetoxicoddependencia.blogspot.com.br/2010/03/uma-patografia-de-lewis-carrol-autor-de.html>. Acesso: 12.08.16

_____. Análise de Alice no país das maravilhas. Disponível: <http://www.alice-in-wonderland.net/resources/analysis/>. Acesso: 04.08.16

_____. Biografia Lewis Carroll. Disponível no site da Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/CharLutw.html>. Acesso: 09.08.16